

[C:E:I] CADERNOS DE EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA

Publicação quadrimestral n.º 123 Maio/Agosto 2021
Edição da APEI Associação de Profissionais de Educação de Infância
Preço 8,5€ (iva incluído) ISSN 2182-8369



"Affordances" no espaço exterior: o exemplo do Programa Out to In

Gabriela Almeida^{1,2}, Daniela Guerreiro¹, Clarinda Pomar^{3,4}, Graça Santos^{1,2}, José Marmeleira^{1,2}, Assunção Folque^{3,4}, Guida Veiga^{1,2}

Aprendizagem interdisciplinar em harmonia com a natureza

O Programa Out to In valoriza o espaço exterior como espaço de desenvolvimento e aprendizagem. Este espaço, particularmente com a presença de elementos naturais, promove a descoberta, vários tipos de brincar, o desenvolvimento de capacidades motoras e a capacidade de entender e gerir o risco (Veiga, Guerreiro et al., 2021). O espaço exterior oferece oportunidades ricas para as crianças socializarem, agirem, explorarem e inventarem, face a diferentes e diversificadas informações em termos de possibilidades de ação. Os espaços exteriores permitem às crianças o desenvolvimento de competências sócio-emocionais (Veiga, Marmeleira, Laranjo, & Almeida, 2021), a aprendizagem sobre as suas capacidades corporais, testar os seus limites e experimentar novas capacidades motoras (Little & Sweller, 2015). Historicamente, as crianças brincavam na rua, com poucos recursos disponíveis, por vezes apenas os da natureza. Este ambiente estava em mudança constante, e as crianças experimentavam liberdade, movimento, prazer, confusão, barulho e o contacto com elementos naturais (Maynard, & Waters, 2007). Atualmente, a maior parte das crianças não são expostas a espaços exteriores repletos de possibilidades de ação com elementos naturais, como plantas, árvores, água e terra. Em vez disso, muitas vezes, dá-se preferência a espaços estandardizados e configurados, com a ideia de que possam ser mais apelativos e motivadores (Jongeneel, Withagen, & Zaal, 2015) e até mais seguros, na perspetiva dos adultos. No entanto, espaços com estas características falham no atendimento das necessidades de desenvolvimento integral das crianças (Hart, 2002) e, no nosso entender, na "Educação para o risco que pressupõe

necessariamente uma escola virada para a ação" (Recomendação n.º5/2011, Ministério da Educação e Ciência, Conselho Nacional de Educação).

O conceito de affordances (ou possibilidades de ação) e percepção de affordances

Affordances é o que o ambiente oferece ao animal em termos de possibilidade de ação, ou de limitações à ação. Não é uma característica do ambiente, antes uma característica de compatibilidade entre o ator e o ambiente (Gibson, 1977). *Affordances* são as possibilidades de ações permitidas a um animal pelos objetos ambientais, eventos, locais, espaços, superfícies, pessoas, etc. Uma ação é aqui entendida como um movimento (ou não-movimento) que envolve uma intencionalidade, a deteção de informações e uma relação entre essas informações e o controlo do movimento (Michaels, 2003).

O conceito de *affordances* tem sido usado para explicar as interações entre a criança e o ambiente. Por exemplo, ao brincar no espaço exterior, a criança interpreta diretamente as possibilidades para a ação que estão disponíveis, ou *affordances*, para os diferentes elementos e coloca-as ao serviço do brincar. Ou seja, a criança deteta as *affordances* que estão disponíveis, isto é, quais as oportunidades (*affordances* positivas) e os perigos (*affordances* negativas) que a rodeiam.

Quando a criança brinca, aprende a conhecer o seu corpo, as consequências das suas ações e a julgar o que consegue ou não consegue fazer em determinadas situações. Ao explorar e brincar, a criança tem oportunidades para perceber as *affordances* que estão disponíveis no ambiente. Perceber uma *affordance* é "ver" que alguma ação pode ser realizada pelo próprio (Michaels, 2003), é perceber como se pode agir perante um conjunto particular de condições ambientais (Gibson, 1979). A percepção de *affordances* não é independente da ação, uma vez que percepção e ação estão associadas e a per-

cepção guia a ação. Esta última, por sua vez, leva à percepção de novas *affordances* (Cordovil & Barreiros, 2013).

Para compreendermos melhor este conceito, imaginemos o que uma criança pode fazer com um tronco de uma árvore que dispõe no espaço exterior: saltar para cima do tronco (ou por cima do tronco), saltar do tronco para o chão – enquanto tiver "energia"; sentar-se ou encostar-se nele – quando precisar de descansar; empoleirar-se para ser ouvida pelos colegas; pousar paus e pedras que recriam a refeição para a sua boneca; esconder-se quando brinca às escondidas. É como se o ambiente possuísse características que direcionam e orientam as ações e explorações das crianças e que são entendidas de acordo com as suas necessidades, características ou estados. No exemplo dado, são evidentes as múltiplas *affordances* de um mesmo objeto. É caso para dizer: "As coisas implicam o que fazer com elas." (Cordovil & Barreiros, 2013, p.137).

A percepção de *affordances* tem início bastante cedo no ciclo de vida (Adolph, 1995) e é continuamente ajustada à medida que acontecem transformações intrínsecas ao crescimento e maturação e surgimento de novas capacidades motoras. A idade das crianças (Almeida, Luz, Martins, & Cordovil, 2016), a experiência (Adolph, 1995), o temperamento (Plumert, & Schwebel, 1997) e o nível de proficiência motora (Almeida, Luz, Martins, & Cordovil, 2017) influenciam a percepção das crianças sobre as possibilidades de ação. A percepção das *affordances* pelo ator nem sempre é coincidente com a capacidade real e quando a percepção não corresponde às possibilidades de ação, isso pode resultar em algum risco para o mesmo, ou numa conquista. Pegando no exemplo anterior – saltar por cima do tronco – uma percepção imprecisa da *affordance* (a criança achar que salta mais do que na realidade consegue saltar, sobrestimando a sua capacidade de saltar) leva ao insucesso da intenção, enquanto

1 Departamento de Desporto e Saúde, Escola de Saúde e Desenvolvimento Humano, Universidade de Évora.

2 Comprehensive Health Research Centre (CHRC), Universidade de Évora.

3 Departamento de Pedagogia e Educação, Escola de Ciências Sociais, Universidade de Évora.

4 Centro de Investigação em Educação e Psicologia, Universidade de Évora.

affordances. Com criatividade e imaginação, e com materiais económicos, fáceis de obter e de substituir, os espaços exteriores oferecidos às crianças podem ser (re)criados para melhorar e enriquecer novas e diferentes possibilidades de ação. Na (re)criação dos espaços exteriores as crianças devem ser ouvidas para que o (novo) ambiente tenha um sentido funcional significativo (Heft, 1988). Os espaços exteriores devem ser transformados com o objetivo de: (i) promover condições espaciais e materiais de qualidade que acomodem níveis individuais de necessidades e capacidades desenvolvimentais, (ii) facultar um ambiente com qualidades variadas e estimulantes que propiciem diferentes tipos de *affordances* e jogo, (iii) proporcionar oportunidades para assumir e gerir o risco. Ao melhorarmos os espaços exteriores que oferecemos às crianças, estamos a ampliar o campo de vivências sociais e comunicacionais e a fornecer oportunidades de ação multidimensionais que podem ser detetadas e experimentadas por todas as crianças.



Agradecimentos

A equipa Out to In agradece a disponibilidade e os contributos das educadoras dos Jardins de Infância Manuel Ferreira Patrício, do Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício, e Galopim de Carvalho, do Agrupamento de Escolas André de Gouveia, em Évora.

* O programa Out to In é cofinanciado pelo Programa Gulbenkian Conhecimento da Fundação Calouste Gulbenkian e pela Universidade de Évora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adolph, K. (1995). Psychophysical assessment of toddlers' ability to cope with slopes. *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, 21(4), 734-750.
- Almeida, G., Luz, C., Martins, R., & Cordovil, R. (2016). Differences between Estimation and Real Performance in School-Age Children: Fundamental Movement Skills. *Child Development Research*, 2016. doi:10.1155/2016/3795956.
- Almeida, G., Luz, C., Martins, R., & Cordovil, R. (2017). Do children accurately estimate their performance of fundamental movement skills? *Journal of Motor Learning and Development*, 5(2). doi: 10.1123/jmld.2016-0030.
- Björger, K. (2016). Physical activity in light of affordances in outdoor environments: qualitative observation studies of 3-5 years olds in kindergarten. *SpringerPlus*, 5(950), 2-11. doi:10.1186/s40064-016-2565-y.
- Borghi, A. (2018). Affordances, context and sociality. *Synthese*, 1-31. doi:10.1007/s11229-018-02044-1.
- Cordovil, R. & Barreiros, J. (2013). A abordagem ecológica ao controlo motor. In P. Passos (Ed.), *Comportamento Motor, Controlo e Aprendizagem*, (pp 137-151). Faculdade de Motricidade Humana. ISBN 978-972-735-192-3.
- Fjørtoft, I. (2001). The Natural Environment as a Playground for Children: The Impact of Outdoor Play Activities in Pre-Primary School Children. *Early Childhood Education Journal*, 29(2), 111-117. doi: 10.1023/A:1012576913074.
- Fjørtoft, I., & Sageie, J. (2000). The natural environment as a playground for children Landscape description and analyses of a natural playscape. *Landscape and Urban Planning*, 48, 83-97. doi: 10.1016/S0169-2046(00)00045-1.
- Folque, M. A. (2010). Interviewing children. In G. M. Naughton, S. A. Rolfe and I. Siraj-Blatchford. (Eds.) (2nd edition) *Doing early childhood research. International Perspectives on Theory and Practice*, (pp 239-260). Open University Press.
- Gibson, J. J. (1977). The theory of affordances. In R. Shaw and J. Bransford (Ed.), *Perceiving, Acting and Knowing: Toward an Ecological Psychology* (pp. 69-81). Lawrence Erlbaum Associates.
- Gibson, J. J. (1979). *The ecological approach to visual perception*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Hart, R. (2002). Containing children: some lessons on planning for play from New York City. *Environment&Urbanization*, 14(2), 135-148. doi: 10.4324/9781315816852.
- Heft, H. (1988). Affordances of children's environments: A functional approach to environmental description. *Children's Environments Quarterly*, 5(3), 29-37. doi:10.1111/j.0033-0124.1957.91-45.x.
- Heft, H. (2003). Affordances, Dynamic Experience, and the Challenge of Reification. *Ecological Psychology*, 15(2), 149-180. doi: 10.1207/S15326969ECO1502_4.
- Jongeneel, D., Withagen, R., & Zaai, F. (2015). Do children create standardized playgrounds? A study on the gap-crossing affordances of jumping stones. *Journal of Environmental Psychology*, 44, 45-52. doi:10.1016/j.jenvp.2015.09.003.
- Kyttä, M. (2003). Affordance and independent mobility in the assessment of environmental child friendliness. Doctoral of Philosophy dissertation, Helsinki University of Technology, Finland.
- Kyttä, M. (2004). The extent of children's independent mobility and the number of actualized affordances as criteria for child-friendly environments. *Journal of environmental psychology*, 24(2), 179-198. doi:10.1016/S0272-4944(03)00073-2.
- Little, H., & Sweller, N. (2015). Affordances for Risk-Taking and Physical Activity in Australian Early Childhood Education Settings. *Early Childhood Education Journal*, 43(4), 337-345. doi:10.1007/s10663-014-0667-0.
- Maynard, T., & Waters, J. (2007). Learning in the outdoor environment: a missed opportunity? *Early Years*, 27(3), 255-265. doi:10.1080/09575140701594400.
- Morrongiello, B., Corbett, M., & Brison, R. (2009). Identifying predictors of medically-attended injuries to young children: do child or parent behavioural attributes matter? *Injury Prevention*, 15(4), 220-225. doi: 10.1136/ip.2008.019976.
- Michaëls, C. (2003). Affordances: Four points of debate. *Ecological Psychology*, 15(2), 135-148. doi:10.4324/9780203726655-3.
- Ministério da Educação e Ciência. Conselho Nacional de Educação (2011). Educação para o risco, Recomendação N.º 5/2011, D.R. nº. 202, 2.ª Série, de 20 de Outubro.
- Plumert, J. & Schwebel, D. (1997). Social and temperamental influences on children's overestimation of their physical abilities. Links to accidental injuries. *Journal of Experimental Child Psychology*, 67(3), 317-337.
- Rietveld, E., Denys, D., & Haan, S. (2013). Social affordances in context: What is it that we are bodily responsive to? *Behavioral and Brain Sciences*, 36(4), 436. doi:10.1017/S0140525X12002038.
- Veiga, G., Guerreiro, D., Santos, G., Folque, A., Pomar, C., Almeida, G., & Marmeleira, J. (2021). Programa OUT TO IN - A relação corpo-mente nos espaços exteriores. *Cadernos de Educação de Infância*, 122, 7-11. ISBN 2182-8369.
- Veiga, G., Marmeleira, J., Laranjo, L., & Almeida, G. (2021). The importance of outdoor practices for children's health and development and for the community. In G. Veiga, L. Laranjo, J. Marmeleira, G. Almeida, & A.G. Kütürkan (Eds). *Taking the best from outdoor play: A practical book for parents and practitioners of early childhood education* (pp. 1-14). Universidade de Évora. ISBN: 978-972-778-180-5.
- Woolley, H., & Lowe, A. (2013). Exploring the relationship between design approach and play value of outdoor play spaces. *Landscape Research*, 38(1), 53-74. doi: 10.1080/01426397.2011.640432.